

## Os Bairros Sociais Vistos por si Mesmos

*Imagens, conflitualidades e insegurança*

*Teresa Costa Pinto* \*

*Alda Gonçalves* \*\*

**R**esumo: Este artigo resulta de uma pesquisa realizada no âmbito do Observatório da Habitação, estudo encomendado pela Câmara Municipal de Lisboa ao CET desde 1992 e desenvolvido de forma faseada e contínua no tempo. A sexta fase do referido Observatório realizou-se entre Outubro de 1998 e Janeiro de 2000 e teve como objectivos centrais aprofundar o conhecimento dos processos de estruturação de identidades e imagens públicas negativas em cinco bairros sociais, já objecto de inquirição em fases anteriores do Observatório. O presente artigo retoma este estudo, tentando centrar os seus objectivos em torno da articulação entre os processos e os factores que estruturam a imagem pública dos bairros e o tipo de dinâmicas sociais locais, já que o estudo em questão demonstra a forte ligação entre a interiorização de uma imagem negativa e a percepção de dinâmicas de conflitualidade, gerando sentimentos de insegurança, práticas conflituais e atitudes de marginalização dos "outros" considerados responsáveis. Por outro lado, pretende referir-se aos processos de construção de identidades e às estratégias identitárias assumidas pelos actores no sentido de perceber a forma como a interiorização de uma imagem negativa acerca do seu local de residência se repercute também na construção de uma identidade negativa, conduzindo a que o bairro actue enquanto verdadeiro dispositivo de estigmatização, acabando por se converter num contexto de exclusão social e urbana.

*Palavras Chave: Bairros Sociais, Imagens, Conflitualidades, Sentimentos de Insegurança, Identidades.*

### Introdução

Este artigo resulta de uma pesquisa realizada no âmbito do Observatório da Habitação, estudo encomendado pela Câmara Municipal de Lisboa ao CET e que teve como objectivos centrais aprofundar o conhecimento dos processos de constituição de identidades e imagens públicas negativas em cinco bairros sociais<sup>1</sup>, já objecto de inquirição em fases anteriores do Observatório.

Tais imagens mostravam-se condicionadoras, pela negativa, das formas de apropriação dos espaços dos bairros, das possibilidades de enraizamento e de constituição de identidades positivas parecendo, também, comprometer os objectivos de reestruturação dos modos de vida e de aquisição de outros padrões de vivência social e urbana.

Esta pesquisa pretendia, assim, analisar as principais dimensões que afectam as representações sobre o bairro e as dinâmicas das relações

\* Assistente de Sociologia do ISCTE. Investigadora do CET.

\*\* Socióloga. Investigadora do CET.

<sup>1</sup> A metodologia utilizada nesta pesquisa socorre-se da técnica do Inquérito por Questionário, tendo-se elaborado uma amostra de 500 questionários num universo de estudo que compreendia a população realojada durante as décadas de 80 e 90 em cinco bairros sociais do concelho de Lisboa: Alto do Lumiar, Boavista, Casal dos Machados, Horta Nova e Padre Cruz. A diversidade dos modelos de realojamento e as suas diferentes temporalidades obrigaram à definição de uma amostra por quotas que teve em conta a proporcionalidade em relação ao n.º total de fogos em cada bairro e por fases de construção, bem como em relação ao sexo, aos grupos etários e às minorias étnicas em presença em cada um dos bairros.

sociais aí existentes, procurando aprofundar os factores que estruturam uma imagem pública negativa, detectar as dinâmicas de conflitualidade reconhecidas como endémicas a estes bairros e perturbadoras das formas de relacionamento social e da apropriação dos espaços públicos e semi-públicos dos bairros e ainda entender as representações sobre a insegurança, tentando perceber as razões que conduzem à interiorização destes sentimentos, bem como as estratégias de responsabilização/demarcação levadas a cabo.

O presente artigo retoma este estudo, centrando os seus objectivos em torno da articulação entre os processos e os factores que definem a imagem pública dos bairros e o tipo de dinâmicas sociais locais, já que o estudo em questão demonstra a forte ligação entre a interiorização de uma imagem negativa e a percepção de dinâmicas de conflitualidade, gerando sentimentos de insegurança, práticas conflituais e atitudes de marginalização dos "outros" considerados responsáveis.

Por outro lado, pretende referir-se aos processos de construção de identidades e às estratégias identitárias assumidas pelos actores no sentido de perceber a forma como a interiorização de uma imagem negativa acerca do seu local de residência se repercute também na construção de uma identidade negativa, conduzindo a que o bairro actue enquanto verdadeiro dispositivo de estigmatização, o mesmo é dizer, enquanto contexto de exclusão social e urbana.

### **A Construção de uma Imagem Pública Negativa: entre a desqualificação social e espacial**

Num contexto residencial social e simbolicamente desvalorizado (dotado de uma imagem pública negativa) coloca-se a interrogação de saber como é que os seus habitantes vivem essa imagem negativa associada, de forma global, ao seu espaço residencial, quais os factores que estruturam essa imagem e quais as consequências dessa negatividade sobre as dinâmicas sociais e nomeadamente sobre as relações sociais.

Tal preocupação decorre de estudos anteriores sobre os mesmos contextos residenciais,

estudos que indagavam já das razões pelas quais a população realojada parecia demonstrar uma incapacidade intrínseca de alteração substantiva dos modos de vida, protagonizava uma ausência completa de projectos de mobilidade social, ao mesmo tempo que alimentava imagens e estigmas sociais tão graves acerca do seu local de residência como os que provavelmente tinha interiorizado no local onde anteriormente vivia. Aí nos interrogávamos sobre o que "*explica que, uma vez concretizado o sonho mais acalentado das histórias de vida destas famílias, o ter uma casa, se reproduzam, muitas vezes se reforcem, as imagens negativas, os conflitos e os níveis de violência, se represente de forma mais negativa o seu espaço habitacional ao ponto de este agir como verdadeiro dispositivo de estigmatização, induzindo sentimentos e situações reais de exclusão social e segregação urbana?*"<sup>2</sup>

Uma das hipóteses que nesse estudo se levantava para explicar tal incapacidade de alteração substantiva dos modos e das condições de vida prendia-se com a percepção de uma imagem fortemente negativa que esta população parece ir interiorizando e sedimentando acerca do seu local de habitação, imagem que condiciona as formas de apropriação deste espaço, as possibilidades de enraizamento e de constituição de identidades positivas, o que parece comprometer também as possibilidades de aquisição de outros padrões de vivência social e urbana que permitam formas de integração e de mobilidade social.

Um número significativo de pesquisas conduzidas em contextos habitacionais de pobreza e exclusão destacam o enraizamento local, os laços de vizinhança e os agrupamentos familiares co-



Bairro Horta Nova

<sup>2</sup> Cfr. Observatório da Habitação, fase 5, 1996

mo traços característicos das relações entre este tipo de população e o seu *habitat*. Essas dinâmicas de implantação territorial são entendidas como formas de compensação face a processos de segregação socioeconómica e espacial que atingem essas comunidades: (Rodrigues, 1997). Para estas populações acaba por ser imposta a não-valorização "*da mobilidade espacial concebida como factor estruturante da vida quotidiana, mesmo se essas populações se vêem forçadas a algumas deslocações para a sua actividade profissional ou outras: o bairro permanece para elas a unidade de vida colectiva de base e conserva múltiplas funções tanto a nível da utilidade material (comércio) como aos níveis da expressão cultural, do relacional e da segurança afectiva*" (Rémy, 1994:99 cit. por Rodrigues, 1997).

Assim, o espaço residencial, enquanto centro da vida social, constitui um dos mais fortes referentes identitários. Neste sentido, a percepção e interiorização de uma imagem pública negativa pode levar a processos de rejeição do contexto residencial, processos esses que têm uma relação estreita com a insatisfação residencial a qual pode inclusivamente gerar formas de apropriação do espaço que não só reforçam essa negatividade da imagem pública (como por exemplo os actos de vandalismo) como contribuem para gerar dinâmicas de conflitualidade.

O estatuto inferior e desvalorizado que lhes é conferido pela sociedade marca profundamente a percepção subjectiva que essas populações social e economicamente vulneráveis têm das suas próprias capacidades enquanto actores sociais, isto é, como *fazedores do seu próprio*

*destino*. Neste sentido, a auto-imagem é influenciada por essa imagem exterior (que, como vimos, se assimila ao próprio contexto residencial) sendo que este confronto com uma imagem desvalorizada pode suscitar atitudes tão variáveis quanto a aceitação, a contestação ou a recusa.

No conjunto dos inquiridos, mais de metade sustentam posições concordantes com a negatividade da imagem associada a estes bairros, tal como se pode verificar no Gráfico 1, embora em diferentes níveis de negatividade. Contudo, esta representação negativa dos bairros em questão, actuando de facto enquanto estigma, favorece, por outro lado, uma estratégia de defesa que corresponde a um desejo de não assunção pessoal do estigma, como se este se transmitisse de modo inexorável aos próprios habitantes. No conjunto dos cinco bairros, 70,4% não admitem que o bairro acarrete influências negativas para a sua própria vida, enquanto apenas 20% manifestam a sua concordância com a afirmação "*evito dizer onde moro, pois isso já me prejudicou*".

Sabendo ainda que os Bairros em estudo, quer pelo carácter mais ou menos recente e faseado dos processos de realojamento que experimentaram e/ou ainda experimentam, quer pelo próprio dinamismo da estrutura urbana que os envolve, encontram-se em processo contínuo de actualização e/ou reformulação das suas dinâmicas sociais e urbanísticas, interessa compreender quais os factores que, em cada momento, vão assumindo nova e redobrada relevância na produção de imagens públicas (positivas e negativas) dos bairros.

Gráfico 1 – Imagem do bairro

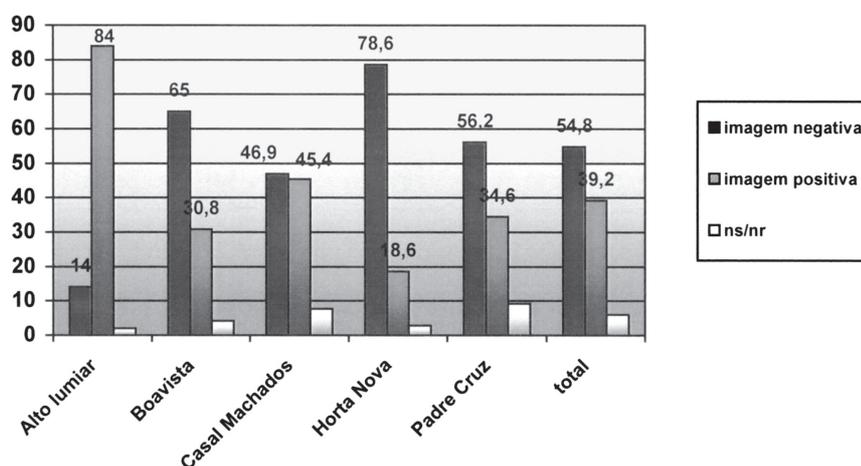
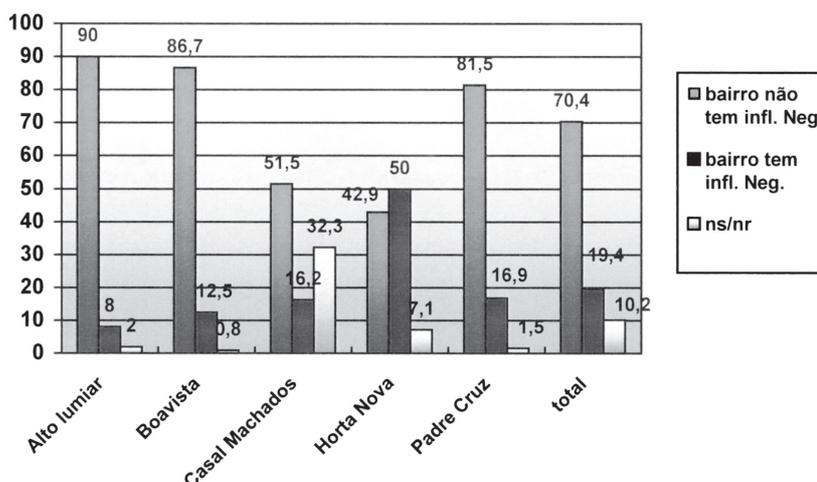


Gráfico 2 – Influência da imagem do bairro na vida quotidiana



Se por um lado é visível esta estratégia de subterfúgio pessoal ao estigma causado pela própria imagem do bairro, por outro, os seus habitantes percebem e verbalizam de uma forma bastante clara os factores que estruturam esta imagem pública negativa. A composição destes factores revela simultaneamente uma continuidade e um desfasamento em relação ao que os estudos anteriores tinham demonstrado face a esta questão. Ainda que nesses estudos estivesse presente um forte peso de factores de ordem social a influenciar negativamente a percepção da imagem do local de habitação, estes factores mesclavam-se com outros relacionados com a descontinuidade urbana e territorial destes bairros, com o seu isolamento marcado muitas vezes pela difícil acessibilidade, com diferenças arquitectónicas demasiado visíveis, condições que traçavam os contornos de espaços sentidos e vividos como guetos.

Curiosamente, os aspectos de localização e de acessibilidade não só são agora afastados da lista de factores que potencialmente formatam a imagem negativa destes bairros, como são objecto de apreciações positivas confirmadas pela rejeição maioritária da representação do bairro como um gueto, diferente dos outros e isolado no tecido da cidade. Aliás, a enunciação de factores positivos refere-se não tanto a uma lógica social (valorização de processos de enraizamento e identidades locais, de laços sociais, etc.), mas a factores de ordem arquitectónica, urbanística e de acessibilidade. As apreciações positivas são agora dirigidas à localização, aos transportes e à arquitectura dos bairros, dimensões mais ou menos valorizadas em todos os bairros e conotadas com o que poderia formatar a sua imagem positiva.

Contudo, se alguma questão é evidenciada neste estudo, é, sem dúvida, o reforço de

factores de ordem social traduzidos em dinâmicas e processos sociais locais de sentido negativo que, no seu conjunto, estruturam a imagem pública negativa destes bairros.

Genericamente, os factores que estruturam a construção de uma imagem negativa são-nos dados por:

- Crescente agravamento e visibilidade de fenómenos ligados ao consumo e tráfico de droga que parecem estar a afectar de um modo decisivo e fortemente negativo as dinâmicas e as identidades locais;
- Percepção de uma composição social (e de certa forma étnica) que integra sujeitos com um perfil social que, pelo seu modo de vida e pelo seu comportamento marcado por um forte défice de civismo, contribui negativamente para a estruturação das dinâmicas locais conotadas com uma conflitualidade endémica;
- Referências constantes a um processo endémico de vandalização dos espaços públicos e semi-públicos dos bairros<sup>3</sup>.



Bairro Padre Cruz

Quadro 1 – Principais factores estruturantes de uma imagem pública negativa

	Alto do Lumiar	Boavista	Casal Machados	Horta Nova	Padre Cruz	Total
<b>1º lugar</b>	Tipo de Pessoas que vivem no bairro	Tráfico e consumo de droga	Tráfico e consumo de droga	Vandalismo	Tráfico e consumo de droga + Vandalismo	Tipo de pessoas que vivem no bairro
<b>2º lugar</b>	Conflitos entre vizinhos	Tipo de pessoas que vivem no bairro	Tráfico e consumo de droga			
<b>3º lugar</b>	_____	Vandalismo	Conflitos entre vizinhos	Tráfico e consumo de droga	Presença de outras etnias	Vandalismo

Em relação ao primeiro factor, já no estudo anterior se salientava a importância de uma visibilidade crescente do fenómeno do tráfico e consumo de droga como factor fundamental da interiorização de uma imagem negativa fazendo associar a este problema os actos de vandalismo constantes, a destruição do bairro, os assaltos e a insegurança vivida nos bairros.

O presente estudo parece senão reforçar, pelo menos confirmar, esta dimensão e a importância que ela assume na inviabilização de uma estratégia de utilização da melhoria das condições habitacionais como factor e processo de promoção social e urbana dos seus residentes. O problema do tráfico e consumo de droga coloca-se não apenas ao nível da afectação directa de uma fatia determinada da população, mas ao nível dos efeitos que uma visibilidade crescente deste problema acarreta para a constituição de uma imagem pública negativa do bairro já profundamente interiorizada pelos seus residentes e para o reforço de dinâmicas de sentido negativo (vandalização do espaço, criminalidade, insegurança) que fomentam a desidentidade com o espaço habitacional tendendo a representá-lo numa duplicidade de espaço estigmatizado/estigmatizante.

Conjugadamente com este problema, um outro aparece como denominador comum destes quatro bairros: a importância reconhecida à especificidade da sua composição social e a sua contribuição para a constituição de uma imagem

pública negativa. As referências ao "tipo de pessoas que aqui vivem" surge para o conjunto destes quatro bairros em 2º lugar na hierarquia de factores estruturantes da imagem negativa dos bairros.



Bairro Casal dos Machados

<sup>3</sup> Entre os que no conjunto da amostra reconheceram a imagem negativa associada ao seu bairro, 57,3% atribuem esta imagem ao "tipo" de pessoas que vivem nestes bairros e 49,6% fazem referência ao comércio e consumo de droga. O factor que surge em 3º lugar prende-se talvez com o que pode ser entendido com uma consequência derivada da associação dos dois primeiros: o vandalismo que tudo destrói. Outras razões são invocadas pelos inquiridos mas bastante distanciadas das três primeiras pelo nº de referências obtidas: o conflito entre vizinhos é referido por 18,2%, enquanto a sujidade nas ruas parece ser um factor importante para 13,5% ou ainda a dimensão da insegurança necessariamente associada aos três primeiros factores assinalados mencionada por 12,4%.

Sem que haja uma especificação por parte dos entrevistados do que se tem em mente quando se diz "o tipo de pessoas que aqui vivem", fácil será descodificarmos o sentido de tal expressão se pensarmos nas características de precariedade de condições de vida, de desqualificação profissional e de exclusão social que afectam a grande maioria dos habitantes destes bairros.

Por si só, estas características não são liminarmente indutoras de comportamentos marginais e segregativos, mas a hipótese de um vínculo estreito entre estas duas "variáveis" parece ganhar terreno quando estamos perante a concentração de famílias desfavorecidas num mesmo espaço habitacional o que pode constituir um factor multiplicador na reprodução das condições de desqualificação simultaneamente sociais e residenciais. Já se tinha chamado a atenção, citando Brun e Rhein, para este efeito "boomerang" entre situações de desqualificação e desfavorecimento social e a tendência ao agravamento das condições de desqualificação do espaço e de deterioração das relações sociais: "(...) Logo que várias famílias em situação de precariedade profissional – e susceptíveis de, por este facto, serem tomadas a cargo pelos serviços de acção social – são concentradas no mesmo local, ao ponto de este ser dotado de uma má reputação, no interior como no exterior, o risco de aí desenvolver um processo de degradação dos espaços colectivos e de deterioração das relações sociais, é grande. A desqualificação social das pessoas repercute-se sobre o habitat no seu conjunto e contribui, assim, para tornar mais visível o fenómeno da segregação urbana" (Brun e Rhein, 1994: 213).

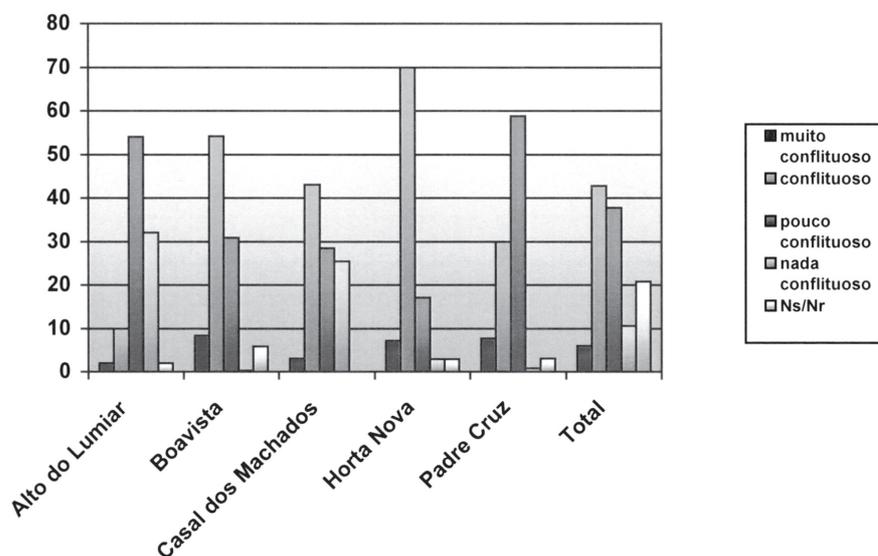
Será talvez isto mesmo que os inquiridos expressam ao relacionar as práticas de vandalização do espaço com a imagem pública negativa associada a cada um dos bairros. Esta dimensão não pode ser vista isoladamente das anteriores por ser provavelmente um efeito dessa interacção entre desqualificação social e espacial.

Uma questão que aparece relativamente diluída entre os factores que estruturam a imagem pública negativa dos bairros é a questão da presença de minorias étnicas em cada um dos bairros. Recordemos que o relatório anterior colocava a presença destas minorias, pela especificidade dos seu modo de vida e de ocupação do espaço, como um factor fulcral da má imagem e da conflitualidade em cada um dos bairros. Curiosamente, pelo menos no que diz respeito à sua contribuição para a interiorização de uma imagem negativa, esta dimensão está claramente secundarizada. No conjunto dos cinco bairros em análise, o total de referências obtidas não coloca esta dimensão entre os cinco factores fundamentais. No entanto, esta dimensão ganha outros contornos quando associada à questão da conflitualidade presente em cada um dos bairros.

### A omnipresença da conflitualidade

A questão da conflitualidade tinha ganho uma importância fundamental na fase anterior do Observatório da Habitação pois assumia-se enquanto factor estruturante da imagem negativa que estava associada a estes mesmos bairros, gerando processos de mal-estar e de mau ambiente comprometedores das possibilidades

Gráfico 3 – Avaliação do bairro quanto à sua conflitualidade



de construção de dinâmicas sociais de sentido positivo.

Os dados obtidos no presente estudo não deixam transparecer de forma tão linear esta associação. Contudo, a particularidade dos factores que compõem a imagem negativa associada a estes quatro bairros, sobretudo a responsabilização da sua própria composição social porque considerada geradora de processos de desestruturação das relações sociais locais, fomentando a conflitualidade e as práticas de vandalização do espaço, fazem suspeitar que a conflitualidade é uma dimensão estruturante das dinâmicas sociais locais, articulando-se de uma forma permanente com a percepção negativa da imagem destes bairros.

Nas diferentes formas que assume, umas vezes declarada, outras vezes escamoteada, a conflitualidade parece assumir-se como a dimensão transversal e omnipresente do palco onde se desenrola a vida social dos habitantes deste bairros.

Desde logo, à excepção do Alto do Lumiar e do Padre Cruz em que a maioria dos inquiridos (54% e 58,5% respectivamente) avalia os bairros como "pouco conflituosos", os restantes bairros são objecto de um reconhecimento mais ou menos generalizado de que são bairros "conflituosos", tal como se pode observar pelo Gráfico 3. Também aqui é visível como a hierarquia da conflitualidade coincide com a hierarquia da percepção da negatividade da imagem pública na forma como posiciona os bairros em análise.

Não só no grau de conflitualidade que é reconhecido em cada bairro é possível notar esta articulação entre a negatividade com que é percebida a imagem destes bairros e a própria conflitualidade. Se atendermos aos factores estruturantes dessa imagem e analisarmos os tipos de conflitos presentes em cada bairro, torna-se evidente que estes últimos derivam dos primeiros: da especificidade da composição social e étnica e dos problemas associados ao consumo e tráfico de droga.

Na análise global dos resultados referentes a esta questão, foi possível determinar os conflitos reconhecidos como de maior gravidade em cada um dos bairros e que têm a ver, tal como se pode observar pelo Quadro 2, com:

1. Conflitos relacionados com consumidores e traficantes de droga, que encabeçam em todos os bairros, à excepção do Alto do Lumiar, a lista de tipos de conflitos enunciada;
2. Conflitualidade de vizinhança expressa sob a forma de discussões e zaragatas entre vizinhos com particular relevo no Boavista, Horta Nova e Padre Cruz;
3. Conflitualidade envolvendo minorias étnicas, reaparecendo como uma dimensão sobretudo importante no Casal dos Machados e no Padre Cruz.

O denominador comum que atravessa todos os bairros à excepção do Alto do Lumiar em matéria de conflitualidade, diz respeito aos conflitos

**Quadro 2 – Hierarquia de tipos de conflitos presentes em cada bairro**

	<b>Alto do Lumiar</b>	<b>Boavista</b>	<b>Casal Machados</b>	<b>Horta Nova</b>	<b>Padre Cruz</b>	<b>Total</b>
<b>1º lugar</b>	Discussões, zaragatas entre vizinhos	Conflitos por causa de consumidores e traficantes de droga	Conflitos por causa de consumidores e traficantes de droga	Conflitos por causa de consumidores e traficantes de droga	Conflitos por causa de consumidores e traficantes de droga	Conflitos por causa de consumidores e traficantes de droga
<b>2º lugar</b>	Conflitos por causa dos filhos	Discussões, zaragatas entre vizinhos	Conflitos por causa de outras etnias	Discussões, zaragatas entre vizinhos	Discussões, zaragatas entre vizinhos + Conflitos dentro da mesma etnia	Discussões, zaragatas entre vizinhos
<b>3º lugar</b>	Conflitos no interior das famílias	Conflitos por causa dos filhos	Discussões, zaragatas entre vizinhos + Conflitos dentro da mesma etnia	Conflitos dentro da mesma etnia	_____	Conflitos dentro da mesma etnia

relacionados com as actividades de consumo e tráfico de droga e com a conflitualidade de vizinhança.

Em relação ao primeiro, é de destacar a sua gravidade e "omnipresença", visto que é apontado em todos os bairros como a fonte principal de conflitualidade, sendo visíveis os seus efeitos, para além da fatia da população específica que atinge, em todo o espaço social dos bairros em termos de desestruturação das relações sociais locais, do clima de insegurança e mal-estar que acarreta, dos processos de desidentidade que fomenta e o consequente isolamento social e urbano dos seus habitantes. Controlar e inverter esta situação será talvez um dos problemas que maiores desafios coloca a um processo de verdadeiro desenvolvimento social e urbano para estes bairros.

O segundo, sendo um tipo de conflitualidade transversal a todos os bairros, incluindo o Alto do Lumiar, é menos grave nas suas consequências, embora com efeitos nocivos em termos da imagem pública dos bairros e da fragilização dos laços sociais locais que pode acarretar. Este tipo de conflitualidade é normalmente verbalizado sob a forma de discussões, insultos e zaragatas entre vizinhos e tem, muitas vezes, como objecto de litígio a apropriação e gestão das partes comuns dos prédios ou mesmo da rua, imputando-se este tipo de conflitos a comportamentos menos cívicos por parte da população habitante.

O terceiro tipo de conflito aqui mencionado e que envolve minorias étnicas, não parecendo ter a mesma visibilidade que os conflitos anteriores ou não lhe querendo conferir visibilidade, afecta sobretudo os bairros onde a pluralidade étnica é maior, ou seja, o Casal dos Machados e o Padre Cruz, ainda que com especial relevo para o primeiro. Neste, apesar de o principal conflito estar identificado com a actividade de consumo e tráfico de droga, a conflitualidade envolvendo questões de relacionamento entre etnias ou no interior da mesma etnia parece percorrer o tecido social deste bairro. As diferenças culturais e de modo de vida geram formas de apropriação dos espaços do bairro e vivências específicas a estes grupos, consideradas como desviantes ou mesmo marginais que não são toleradas, colidindo, por isso, com as práticas e representações dominantes.

O destaque vai, assim, para um tipo de conflitualidade que decorre da especificidade do perfil social e cultural destas populações, das suas condições de precariedade e exclusão e que ganha contornos visíveis e, por vezes, graves porque estamos perante a concentração num mesmo espaço de famílias com o mesmo tipo de vulnera-

bilidades e expostas aos mesmos riscos de exclusão. Este tipo de conflitualidade percorre estes bairros e formata o seu quotidiano introduzindo um valor acrescentado na interiorização de uma imagem negativa, predispondo os seus habitantes a transformarem estes espaços numa dualidade de espaços estigmatizados/estigmatizantes.

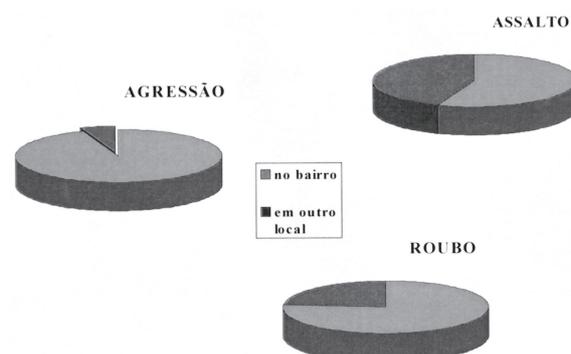
## Da Conflitualidade à Insegurança

Uma das interrogações fundamentais do presente estudo consiste em saber em que medida determinado tipo e grau de conflitualidade associados a cada um dos bairros têm correspondência ou expressão em determinados níveis de insegurança. A percepção dos níveis de segurança que cada bairro comporta é uma questão de extrema relevância por comprometer de forma positiva ou negativa as possibilidades de vivência, de enraizamento e de construção de identidades em relação ao espaço de residência.

Sendo uma questão extremamente difícil de medir e quantificar, interessa-nos sobretudo perceber, por um lado, a dimensão da vitimização por actos de violência e a sua espacialização, por outro, saber como estes sujeitos classificam o seu local de residência quanto aos níveis de (in)segurança e a que factores atribuem esta insegurança.

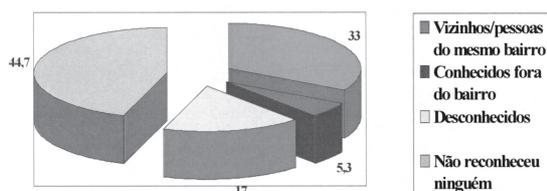
Ainda que a maioria dos inquiridos não tenha sido vítima, nos dois últimos anos, de nenhuma das situações de violência consideradas (agressão pessoal, assalto, roubo ou insulto de vizinhos), interessa-nos perceber o local de ocorrência dos vários tipos de violência e se os seus autores foram reconhecidos. A análise dos dois gráficos seguintes aponta-nos para uma dimensão bastante localizada de situações de violência que têm como palco principal o bairro de residência, o que é ainda confirmado pela identificação dos

**Gráfico 4**  
Local de ocorrência dos vários tipos de violência



autores destes actos como sendo "*pessoas do mesmo bairro*". Ainda que uma maioria relativa afirme desconhecer os autores destes actos de que foi vítima ou não ter conseguido reconhecê-los (17% e 44,7% respectivamente), um n.º significativo está disposto a identificá-los dos quais 33% admite que se tratou de "*pessoas do mesmo bairro*".

**Gráfico 5**  
**Identificação dos autores dos actos de violência**



A avaliação dos níveis de (in)segurança presentes nestes bairros não se mede apenas pelas experiências vividas ou conhecidas de actos de violência e criminalidade, mas pelos sentimentos e representações que se vão forjando acerca desta mesma (in)segurança. Neste sentido, foi importante perceber como é que os indivíduos se sentem quando estão no seu bairro, como o classificam do ponto de vista da segurança porque o nível de segurança que se sente quando se está no seu local de residência é fundamental para a constituição de laços e de identidades positivas para com este espaço.

Inversamente, a percentagem dos que admitem não se sentirem muito seguros ou nada seguros aumenta significativamente: de 19,2% para 36,2% e de 0,8% para 9,6% respectivamente.

A avaliação dos níveis de (in)segurança de cada bairro passa ainda por confrontar este espaço com outros locais de frequência quotidiana, sejam os percursos diários a pé ou em transportes públicos, os locais de compras ou as áreas de lazer, o local de trabalho ou a própria casa. Relativamente a esta questão, o que ressalta é a percepção dos bairros enquanto palco de situações que favorecem a interiorização de sentimentos de insegurança, o que reforça a ideia da dimensão local com que se apresentam as situações e os sentimentos de insegurança.

Para todos os bairros, a primeira situação de maior insegurança referida corresponde aos percursos a pé durante a noite, opinião que colhe a concordância de uma larga maioria de respondentes de todos os bairros. O segundo local associado a maior insegurança é, para todos os bairros, à excepção do Alto Lumiar, o próprio bairro no período da noite, o que confirma o sentimento de insegurança vivido nos bairros sobretudo durante a noite. Igual consenso no que se refere à avaliação do 3º local que suscita um sentimento de maior insegurança e que se refere em todos os bairros aos transportes públicos também durante a noite.

Na avaliação das razões pelas quais os in-

**Quadro 3 – Espaços quotidianos de maior insegurança**

	Alto do Lumiar	Boavista	Casal Machados	Horta Nova	Padre Cruz	Total
<b>1º lugar</b>	Percursos a pé durante a noite	<b>Percursos a pé durante a noite</b>				
<b>2º lugar</b>	Percursos a pé durante o dia	<b>Bairro onde mora</b>				
<b>3º lugar</b>	Transportes públicos noite	<b>Transportes públicos noite</b>				

A avaliação desta questão referida aos cinco bairros em análise dá-nos conta de uma clivagem extremamente importante: o nível de segurança sentido parece depender do período do dia a que nos reportarmos. Assim, se 59,2% dos inquiridos afirmam sentir-se seguros no seu bairro durante o dia e 19% completamente seguros, esta percentagem desce para 37% e 16% respectivamente quando nos referimos ao período da noite.

quiridos se dizem sentir inseguros ou pouco seguros, um factor até agora não muito evidenciado, surge com uma elevada importância na justificação dos níveis de insegurança: a presença de "*bandos de jovens*" que acaba por obter o 1º lugar no conjunto de razões explicativas. No total da amostra 41,5% atribuem aos bandos de jovens uma das razões dos sentimentos de insegurança que alimentam.

O segundo factor pode estar intimamente relacionado com este e responsabiliza a existência de assaltos/roubos praticados por toxicodependentes pela insegurança vivida nos bairros. 39,7% no conjunto dos bairros referem este factor. A conjugação deste factores demonstra bem a articulação entre os factores que formatam uma imagem nega-

bairros, referiram que *não saem de casa à noite*.

Acrescente-se que esta dimensão localmente centrada dos sentimentos de insegurança em nada beneficia a imagem que se interioriza do espaço de residência, podendo agir enquanto reforço do estigma que esta população já interiorizou.

**Quadro 4 – Hierarquia de factores que mais contribuem para a insegurança nos bairros**

	Alto do Lumiar	Boavista	Casal Machados	Horta Nova	Padre Cruz	Total
<b>1º lugar</b>	Assaltos por pessoas exteriores	Assaltos/roubos por toxicodependentes	Bandos de jovens	Bandos de jovens	Bandos de jovens	<b>Bandos de jovens</b>
<b>2º lugar</b>	Falta de iluminação do bairro	Falta de iluminação do bairro	Assaltos/roubos por toxicodependentes	Falta de iluminação do bairro	Assaltos/roubos por toxicodependentes	<b>Assaltos/roubos por toxicodependentes</b>
<b>3º lugar</b>	Assaltos/roubos por toxicodependentes	Clima de insegurança instalado	Presença de indivíduos de outras etnias	Assaltos/roubos por toxicodependentes	Clima de insegurança instalado	<b>Falta de iluminação do bairro</b>

tiva e o que se interioriza como proporcionando sentimentos de insegurança nos bairros.

O posicionamento que adquire o bairro enquanto um dos locais que proporciona maior insegurança no conjunto dos espaços quotidianos por onde os indivíduos distribuem os seus tempos e as suas actividades, parece reforçar esta dimensão como um dos factores estruturantes na avaliação da "disfuncionalidade" destes bairros, tendo consequências não desprezíveis em termos das dinâmicas sociais locais e reclamando, certamente, um olhar especial quanto às formas de intervenção nestes locais. É sabido que o clima de insegurança, correspondendo à realidade ou não, que por vezes se instala nestes bairros, já por si afectados por inúmeras fragilidades e formas de exclusão, acaba por contribuir para a própria fragilidade dos laços sociais e das formas de solidariedade locais, reforçando o isolamento social e urbano e comprometendo uma apropriação positiva dos espaços do bairro.

É justamente o reforço do isolamento que os inquiridos nos traduzem quando confrontados com as consequências que, em seu entender, resultam deste clima de insegurança. Como se pôde verificar, uma grande maioria confessou ter *tendência a ficar mais em casa* (60,3%), enquanto 1/4 dos inquiridos que tinham admitido não se sentir muito seguros nos respectivos

### Notas Conclusivas

Quer as representações sobre a imagem pública destes bairros, quer sobre a conflitualidade ou a insegurança de que são palco, confirmam a hipótese de estarmos perante a interiorização de uma imagem negativa profundamente enraizada, o que parece transformar estes habitats em dispositivos estigmatizados e estigmatizantes que fortemente comprometem a constituição de identidades positivas. Desde logo, a imagem que se interioriza do seu local de habitação e a imagem que se crê que este projecta para o exterior são dimensões decisivas na estruturação da identidade pessoal, quer se trate de formas identitárias assumidas ou prescritas, pela continuidade com que é percebida a imagem do bairro e a imagem pessoal.

A espiral de estigmatização começa exactamente nesta percepção de uma imagem pública negativa que os sujeitos reconhecem nos seus bairros e que parece predispor os seus habitantes a agravar as condições de degradação física, social e simbólica destes bairros. Citando Paugam, S., *"tudo se passa como se os habitantes, e em particular os adolescentes desocupados, quisessem oferecer ao olhar público a imagem da podridão da sua cidade, uma podridão que se lhes transmite e com a qual se identificam. Assim, participam eles próprios na construção da imagem negativa da*

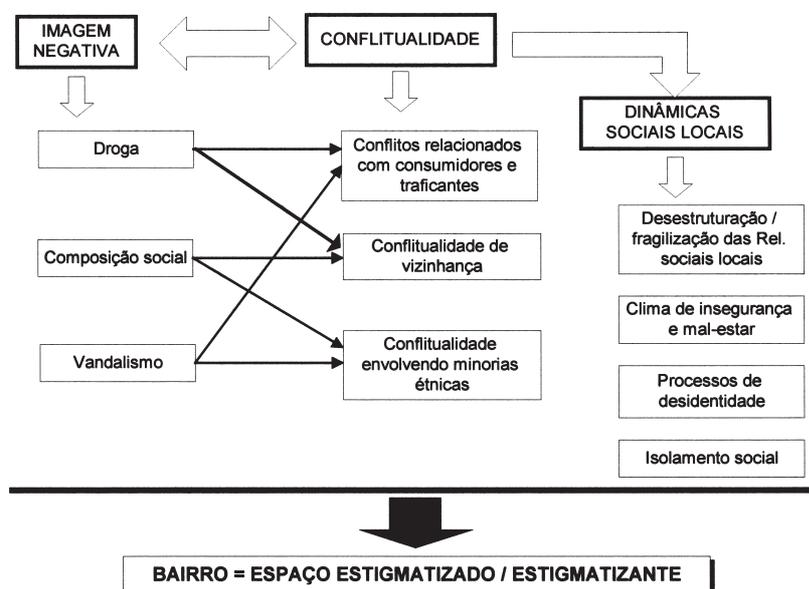
sua cidade, reforçando-lhe os traços desvalorizadores. Na realidade, não fazem mais do que aplicar a eles mesmos o julgamento dos outros, aqueles que, no exterior, designam a cidade como um gueto" (Paugam, S., 1995, p.229).

De facto, esta "espiral de estigmatização que vai da precariedade social e económica à desqualificação do habitat produz efeitos de interacção sob a forma de ciclo vicioso: a vivência em habitats socialmente desqualificados afecta, por sua vez, a reforça as condições de precarização destas populações" (Idem, p. 250).

Nesta espiral de estigmatização podemos

encontrar a chave de descodificação das complexas relações entre a estruturação de uma imagem pública negativa, as dinâmicas de conflitualidade percebidas e vividas e os sentimentos de insegurança associados, ou mesmo decorrentes de tais dinâmicas. De facto, estas três dimensões cruzam-se nas representações e avaliações destes sujeitos com efeitos negativos sobre as práticas de apropriação dos espaços do bairro, a formação de referentes identitários e a capacidade de perspectivar projectos de vida capazes de diluir o vínculo de precariedade e de exclusão sociais.

**Figura 1: Articulação entre Imagens negativas, Conflitualidade e Insegurança e conseqüências sobre as Dinâmicas Sociais Locais**



### Algumas Referências Bibliográficas

AAVV, (1996), *Observatório de Habitação (Fase 5): Satisfação Residencial, Imagens e Identidades*, Lisboa, CET.

BRUN, J., RHEIN, C. (ed.), (1994), *La Ségrégation dans la ville. Concepts et mesures*, Paris, L'Harmattan.

CAMILLERI, C. (1996), "Stigmatisation et stratégies identitaires", in HAUMONT, N., *La Ville: agrégation et ségrégation sociales*, Paris, L'Harmattan.

COSTA PINTO T. (1994), "Apropriação dos espaços em bairros sociais: o gosto pela casa e o desgosto pelo bairro", *Sociedade e Território*, nº 20, Porto, Afrontamento.

FERNANDES, L. (1998), *O Sítio das Drogas*, Editorial Notícias, Lisboa.

FREITAS, M. J. (1994), "Os paradoxos do realojamento", *Sociedade e Território*, nº 20, Porto, Afrontamento.

HAUMONT, N. (ed.), (1996), *La Ville: agrégation et ségrégation sociales*, Paris L'Harmattan.

MACHADO, P. (1991), "Análise socioecológica de comunidades urbanas de habitação degradada", *Colóquio Viver Na Cidade*, LNEC, Lisboa.

RODRIGUES, J. M. C. (1997), *Nós Não Somos Todos Iguais, Campo Social de Residência e Estratégias de Distinção num Bairro de Realojamento*, Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural e Urbana (Policopiado), Lisboa, ISCTE.

TABOADA-LEONETTI (1990), "Stratégies identitaires et minorités: le point de vue du ociologue" in *Stratégies Identitaires*, PUF, Paris.

VALA, J. (1984), *La Production Sociale de la Violence: Representations et Comportements*, Thèse de docteur en Psychologie, Université Catholique de Louvain, Faculté de Psychologie et des Sciences de l'Éducation, Louvain.